

## O DIÁLOGO ENTRE A IMAGEM E O TEXTO

Ivonete Cabral de Oliveira<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Pós-Graduação em Comunicação – Universidade Estadual Paulista (UNESP)– 91.501-970 –  
[Germinal\\_1972@yahoo.com.br](mailto:Germinal_1972@yahoo.com.br) - Bauru – SP

**Abstract.** *This work has as objective shows the possible dialogue between the cinematographic language and the verbal language (image and text) starting from the intersection of the film the endless History, (inspired in Michael Ende's best seller) of the German director Wolfgang Petersen and the story the Incapacity of being True of Carlos Drummond of Andrade. Those texts present elements of intersection thematic: a importance of imaginary. To parting of the theory of reading of the fruition of the imaginary of Vincent Jouve, constata-if in both language (cinema & literature) contact points in his/her book the Reading". it was Also served of the ideas of the aesthetics of the reception of Iser and Jauss. To leave of that compared study it is looked for to show the importance of waking up the imaginary, not only of the children as of the adults, in different supports mass media Words generate images, images generate words, like this the arts dialogue amongst themselves and they are completed loan-mutual. A imagination is essential for the life, it turns her lighter, it creates expectations, it nurtures and it strengthens the man, encouraging him/it to proceed in front, to face their fears, to overcome obstacles, to break barriers.*

**Keywords.** *Lecture, cinema, literature, imaginary, images*

**Resumo** *Este trabalho tem como objetivo mostrar o possível diálogo entre a linguagem cinematográfica e a linguagem verbal (imagem e texto) a partir da intertextualidade do filme A História Sem Fim, (inspirado no best seller de Michael Ende) do diretor alemão Wolfgang Petersen e o conto A Incapacidade de Ser Verdadeiro de Carlos Drummond de Andrade. Esses textos apresentam elementos de intertextualidade temática: a importância do imaginário. Partindo da teoria de leitura da fruição do imaginário de Vincent Jouve, constata-se em ambas as linguagens (cinema & literatura) pontos de contato no seu livro "A Leitura". Também se serviu das idéias da estética da recepção de Iser e Jauss. A partir desse estudo comparado busca-se mostrar a importância de se despertar o imaginário, não só das crianças como dos adultos, em diferentes suportes midiáticos. Palavras geram imagens, imagens geram palavras, assim as artes dialogam entre si e se completam mutuamente. A imaginação é essencial para a vida, torna-a mais leve, cria expectativas, nutre e fortalece o homem, encorajando-o a seguir em frente, enfrentar seus medos, superar obstáculos, quebrar barreiras.*

**Palavras-chave .** *leitura, cinema, literatura ,imaginário, imagens*

### INTRODUÇÃO

As artes se completam, especialmente, quando se busca o aprimoramento, da sensibilidade estética e as dimensões da leitura de diferentes discursos sobre um mesmo tema.

As novas técnicas de produção e de recepção dos discursos artísticos, tanto do literário quanto do cinematográfico, estão impondo aos professores do ensino fundamental novas técnicas de ensino da leitura em sala de aula. Objetiva este trabalho mostrar uma concepção de leitura capaz de dinamizar as competências do leitor/espectador, tendo como base o dialogismo entre tipos de discursos, onde haja a interação de pelo menos dois tipos de linguagens em sincretismo, como, por exemplo, verbal e não-verbal, pois há outras possibilidades de interação lingüística, como a tátil, a olfativa e assim por diante.

A partir da temática da liberdade do imaginário, realizou-se, neste trabalho, uma leitura hermenêutica, em que a afetividade tornou-se a tônica dessa leitura. Tendo como *corpus* o filme *A História Sem Fim*<sup>1</sup> e o conto *A incapacidade de ser Verdadeiro*<sup>2</sup>, de Carlos Drummond de Andrade, pretendeu-se aqui mostrar como o afetivo é fundamental em um processo de leitura para crianças.

A base teórica desse trabalho foi encontrada em Vincent Jouve (2002), sobre a leitura afetiva, e, complementadas com a *Estética da Recepção* de Iser e Jauss. Pretende-se encontrar no corpus citado elementos da fruição do imaginário, a fim de enlaçar esse mesmo *corpus* à teoria levantada e a idéia de que a arte deve estar presente em sala de aula, despertando o tímico do jovem leitor. A técnica de leitura citada não requer apenas a atenção, nem o simples conhecimento do código a ser lido, mas, acima de tudo, uma disposição anímica de simbiose e empatia com o objeto a ser lido.

## 1. Descrição da atividade

É importante ressaltar que a criança deve opinar sobre o texto que deve ser trabalhado em sala de aula. Para tanto, iremos narrar uma de nossas experiências de sala de aula em que essas idéias foram colocadas em prática. A referida experiência realizou-se na escola Francisco Alves Brizola, localizada na periferia da cidade, de Bauru, com alunos de 5ª e 6ª séries. São alunos de famílias humildes com muitas dificuldades de leitura e escrita. Dispusemos aos alunos uma caixa contendo variados textos, selecionados de acordo com a idade dos mesmos. A partir daí observamos quais eram os textos mais lidos e comentados. Um deles sobressaiu-se sobre os demais: “A incapacidade de ser verdadeiro” de Carlos Drummond de Andrade. A partir daí escolhemos um filme que tivesse a mesma temática. O filme escolhido foi: *A História Sem Fim*. A pós a apresentação desses dois textos, os próprios alunos chegaram por si mesmos a conclusão de que a temática era a mesma entre ambos.

Desse modo, há a vontade interpretativa de um leitor com intencionalidades de aproveitar satisfatória e prazerosamente o texto a ser lido, de modo que ele se sente como agente do processo de leitura, como se a mesma fosse uma interpretação de suas próprias experiências de vida. O objeto a ser lido e a mente interpretante funde-se e confundem-se de modo interativo e as distâncias entre ambos são intensamente diminuídas.

Para Staiger, (1972, p 79) o gênero épico/narrativo é um gênero em que se desenvolve uma apresentação, mas para que isso ocorra, há de se efetivar, em primeiro plano, a percepção da coisa apresentada, exigindo um posicionamento favorecedor de um foco privilegiado. Ele afirma que esse posicionamento deve calcar-se no distanciamento entre sujeito e objeto. No entanto, nas partes líricas de uma obra narrativa “este distanciamento pode diminuir”, já que há dentro de qualquer narrativa momentos de *stimmung*. Esse teórico nos diz ainda que esse afastamento origina-se na própria essência do gênero épico, uma vez que o *ego* se mantém separado dos fatos pelo fator temporal. No entanto, A narrativa fantástica é uma das que procura com insistência diminuir esse confrontar-se, procurando fundir sujeito e objeto, nas

fissuras criadas para que o leitor/espectador possa integrar-se ao todo, sentir-se o herói da narrativa e tornar-se um co-autor da mesma, como sujeito competente da performance realizada.

Para tanto, buscou-se analisar também a consciência imaginante que Jouve encontrou em Sartre. Segundo ele, o indivíduo precisa ter a sensação dupla de liberdade e de criatividade na recepção de um texto, abandonando o mundo real em que se encontra, criando um novo mundo, “a partir dos signos e dos objetos encontrados”. (Jouve :110). Assim, o sujeito do discurso interpretativo se nutre da capacidade de encontrar na fantasia a resposta para suas angústias. Por isso, como dissemos antes, há a necessidade de que o *corpus* escolhido e a teoria se encontrem em uma coerência temática, para, além de produzir uma experiência prazerosa de vida, provoquem catarse como produto dessa ação e façam com que o sujeito leitor viva com intensidade o texto lido. Assim, a teoria se cruza com a narrativa ficcional, de modo contundente. Assim também, os protagonistas do filme *A História Sem Fim*, Bastian e o do conto *A Incapacidade de Ser Verdadeiro* Paulo, penetram no mundo imaginário e fantasioso, misturam-se e confundem-se com as personagens do mesmo, enfrentando problemas de compreensão dos adultos que os cerceiam: seus pais. A válvula de escape para eles é o mundo da imaginação. Desse modo, pode-se, agora, adentrar mais aprofundadamente na análise desse *corpus*. Tudo isso prova que *corpus* de análise e teoria precisa identificar-se, ou seja, nem toda teoria é a ideal para ser aplicada a um *corpus* e vice-versa. Todo grande leitor de texto deve saber que sua leitura não é a última, nem a única. Em sala de aula, cabe ao professor mostrar essa maneira de ver a interpretação de um texto. A teoria, por sua vez, deve ser um instrumento de uso do professor para a escolha e para a preparação de suas aulas. Ao aluno, cabe o prazer de se envolver com o texto lido, a fim de senti-lo com objeto de relação amorosa. O trabalho crítico que aqui se desenvolverá trata-se de uma metaleitura, ou seja, uma leitura do ato de ler do sujeito que se coloca na situação de produtor do discurso interpretativo.

## 2 A consciência imaginante

Jauss (1978, p. 130) assegurava que a leitura como experiência estética é libertação de alguma coisa para alguma coisa, pois o leitor desprende-se das dificuldades e imposições da vida real, ao implicar-se no universo do texto, renovando sua percepção de mundo. Foi a partir dessas idéias que Jouve tratou da fruição do imaginário. Assim, em nosso *corpus* de pesquisa é possível observar que tanto Paulo quanto Bastian não podiam e não pareciam ser verdadeiros para os adultos (os pais). O primeiro tinha fama de mentiroso; o segundo, vivia no mundo da lua. Enquanto esses meninos penetravam no universo da fantasia, os adultos os obrigavam a permanecer no mundo real. Uma leitura hermenêutica, da primeira cena do filme em foco, por exemplo, a qual desencadeia a narrativa, já permite ao sujeito leitor/espectador o mergulho no mundo da fantasia do mesmo. Ele é convidado a mergulhar em uma viagem ao imaginário, pois a narrativa o incita a seguir o protagonista Bastian em suas aventuras e a dar significado ao inusitado. Isso fica evidente, pois é claro o conflito entre real e imaginário que essas cenas provocam nele. Quando Bastian conta ao pai que sonhara com a mãe que morrera, e diz que sente muita falta dela, seu pai, então, responde-lhe: “Está na hora de você assumir responsabilidades”. Nesse momento, o leitor/espectador projeta seus desejos e afetos no seu objeto de fruição, pois como o pai chamara a atenção do menino por causa das notas baixas na aula de matemática, o sujeito intérprete dessa cena comunga com ele esse sentimento de opressão.

Nessa cena, já é possível analisar alguns símbolos representantes do real e do imaginário: a) símbolos do real - o pai, a escola, a aula de matemática, que representam

também o apego à realidade e ao objetivo, podendo assim a fruição do imaginário. Há uma pressão da família e da escola para que Bastian não saia do mundo real e penetre no mundo de fantasia; ele corre o risco de parar de sonhar e cair num mundo cruel e sem esperanças, se obedecer a seu pai; b) símbolos do fantasioso: a mãe e o unicórnio que Bastian desenhou no caderno de matemática. A mãe, desse modo, simboliza a sua ligação com o mundo de fantasia, pois era ela que lhe contava histórias antes de dormir. O unicórnio<sup>3</sup> é o símbolo mais contundente da fantasia e do mundo mágico infantil, justificando sua presença na cena ora analisada como conotação de fantasia.

Umberto Eco (2005), também baseado na estética da recepção de Jauss, trata da problemática do fenômeno da recepção do leitor/espectador, ao experienciar os efeitos da expressão cinematográfica. Para Eco, esse leitor/espectador nunca pode se portar como um ser passivo, já que ele precisa ter a capacidade de produção de sentido, a fim de atingir o acesso ao campo simbólico, identificando-se por fruição com o enredo, podendo reconhecer em um gesto realizado pelas personagens do filme uma possibilidade de seu próprio corpo. Assim, o prazer dessa fruição estética, de modo catártico, suscitado pela trama, tem como essência as inúmeras imagens geradoras de desejos e afetos. Desse modo, a experiência de adentrar narrativas fabulosas, tanto do cinema como da literatura, é uma experiência, acima de tudo, afetiva. Esses conceitos de interpretação propostos por Eco e Jauss, quanto à estética da recepção, extrapolam os signos dados nas narrativas tanto verbais como não verbais, para atingir o emotivo de modo mais intuitivo que propriamente racional. O leitor/espectador transforma-se num co-autor no momento em que preenche os espaços não-ditos, mas apenas sugeridos pela trama do texto. A teoria de Eco da “Obra Aberta” e a semiótica ilimitada da semiótica de Peirce (1972, CP 1.339), é um processo constante de geração, interpretação e expansão de signos, ou seja, um signo deve gerar outro de modo infinito. Assim, Eco foi buscar em Peirce a base da sua idéia de Obra Aberta. Cabe a cada sujeito intérprete dar sua contribuição para o preenchimento dos vazios do texto, gerados pelo objeto desencadeador da semiótica que é a obra em si. Em termos da semiótica periciana trata-se do objeto dinâmico, existente na realidade, potencialmente produtor de sentido. Nesta concepção do “sentido”, um texto será inteligível se o conjunto dos seus enunciados respeitar o saber associativo, sem perder a coerência entre os diferentes interpretantes dessa cadeia. Portanto, essa leitura nasceu de um processo anterior da percepção dos objetos dinâmicos ora aqui elencados, bem como, da observação feita pelos teóricos citados, e que, ao ser lida por outros intérpretes, gerará novos signos interpretantes.

É a partir dos próprios conhecimentos de vida que o leitor/espectador percebe, compreende e interpreta a história como se ela fosse sua própria história. Bastian salvaria o mundo da fantasia do seu oponente: o Nada. Este representa na narrativa fílmica o mundo dos adultos, desprovido de sonhos, onde se acredita mais no que se vê. Em relação ao texto de Drummond, algo muito semelhante acontece. “Paulo tinha fama de mentiroso”, mas na verdade ele vivia no mundo da fantasia. Já vimos que Bastian sonhava com a mãe, que lia para ele histórias maravilhosas. Era ela seu canal de comunicação com o mundo de fantasia; Paulo, por sua vez, via os dragões-da-independência, comia pedaços de lua que tinha gosto de queijo. Ele sabia viver nesse mundo, pertencia a ele e sentia-se feliz dentro desse contexto. Sua mãe, porém, pensava que ele estivesse doente da cabeça e não compreendia essas atitudes de seu filho. Mais uma vez, o mundo dos adultos amordaçando o mundo da fantasia das crianças. Isso nos leva, de imediato, a pensar na relação de comunicação professor-aluno na sala de aula, em que o adulto interfere drasticamente no imaginário infantil, impondo-lhes a visão da ciência objetivista e iluminista do século da ciência empírica. É no mundo imaginário que pode estar uma resposta para certas atitudes da criança. Sabe-se que quando ouvimos as conversas das crianças com seus amigos imaginários é possível descobrir, por

exemplo, quais são seus medos, suas vontades, pois eles estão em íntima confessionalidade. A fantasia é quem conduz a criança à criação, livrando-a das estabilidades representadas pelos conceitos estabelecidos e pelas idéias sedimentadas socialmente. A criação é parente próxima do devaneio e o que abre as “portas dos sonhos” para lhe mostrar que também é possível conhecer não reconhecendo no conhecimento já adquirido a única forma de falar sobre a realidade: a já estabelecida pelo mundo adulto. Bastian conheceu o Dragão Branco da Sorte, viajou com ele e venceu seus medos. Antes de penetrar e se nutrir desse mundo de fantasias, ele tinha os problemas para enfrentar, como a morte da mãe e o mau-relacionamento com os meninos da escola. A fantasia, portanto, o nutriu de força e fez com que ele enfrentasse e vencesse seus medos no mundo real.

*(...) “Na atitude de fruição estética, o sujeito é libertado pelo imaginário de tudo aquilo que torna a realidade de sua vida cotidiana, constrangedora”.(...) A consciência “imaginante”, como mostrou Sartre, de fato leva a uma sensação dupla de liberdade e de criatividade. Para isso ela procede em dois tempos; “aniquilação” do mundo diante do qual o sujeito se afasta, e criação, no seu lugar, de um mundo novo a partir dos signos do objeto contemplado.(Jouve: 107)*

A objetividade do pai, como chefe da família, a escola prendendo-o ao mundo real com conteúdos objetivos, diante disso ele abandona esse mundo e cria um novo mundo em seu lugar. Ele, enquanto leitor, aconchega-se nesse novo mundo onde é cativado pela leitura que desperta nele solidariedade, amor, força e vontade de viver, desviando seu destino do vazio existencial que seu antigo mundo lhe ditava. Então, ele mistura-se às personagens do mundo de Fantasia, personagens do livro que está lendo “The neverending story” Bastian é fundamental para existência desse mundo, não pode parar de sonhar, pois é nesse mundo que encontrará a resposta e a força para superar seus medos do antigo mundo, agora deixados de lado.

*“Ler, pois, é uma viagem, uma entrada insólita em outra dimensão, que na maioria das vezes, enriquece a experiência: o leitor que, num primeiro tempo, deixa a*

*realidade para o universo fictício, num segundo momento volta ao real nutrido de ficção”.(Jouve: 109)*

Bastian volta para o mundo real nutrido de ficção e enfrenta os meninos da escola que lhe intimidavam constantemente.

*“A leitura substitui fragmentos de discursos surgidos de toda parte, que tornam cada um de nós, seres opostos, divididos, dispersos. Um ser sob influência – alguém que não é mais nós e que, entretanto, não é outro”.(Jouve: 110)*

Ao ler a história, Bastian sofre, luta e torce pelas personagens, tanto que acaba sendo responsável pela existência do mundo de fantasia e pela destruição do Nada que ameaça acabar com o mundo de Fantasia. Como já mencionada antes, Paulo vive nesse mundo e é incompreendido pelos adultos que lhes dão fama de mentiroso, pois o menino sonha demais e, acredita nesse sonho acordado.

Bastian, agora habita esse mundo onde Paulo sempre viveu.

Para Jauss a literatura leva o leitor a uma nova percepção de seu mundo, pois ela pré-forma sua concepção de mundo e isso repercute no seu comportamento social. (Jauss: 50)

## **CONCLUSÃO**

Ao acionar seu saber prévio, o espectador da imagem e do texto preenche as lacunas representadas ou não pelo autor no texto dado. A análise da sinopse do filme e

do pequeno conto de Drummond possibilita uma lição de vida a todos: a de que sonhar faz parte da vida e é tão importante na infância quanto na vida adulta. A fantasia torna a vida mais agradável, menos dura e nos faz fortes para acreditar em nossos sonhos.

Pais e educadores têm a missão de estimular as crianças a fantasiarem, para que suas vidas se tornem melhores; para que, ao retornarem de seus sonhos, elas estejam nutridas de ficção, fortes e corajosas para enfrentarem seus medos.

Parodiando o poeta português, Fernando Pessoa “**Navegar é preciso, viver não é preciso**” entendemos que mais importante que viver é sonhar e acreditar nos sonhos, pois quando se pára de sonhar e acreditar a vida pode se tornar um suplício, um fardo que nos enverga e nos destrói com seu enfado.

<sup>1</sup> A sinopse do filme encontra-se no site <http://www.cinepop.com.br/filmes/historiasemfim.htm>; consulta feita em 22/05/2005

<sup>1</sup> Esse conto encontra-se no livro “Contos Plausíveis” de Carlos Drummond de Andrade, citado na bibliografia..

<sup>1</sup> Unicórnio - Nas tradições européia e oriental, o unicórnio é identificado com um Messias que vem quando o mundo está em perigo e anuncia a chegada de uma nova e melhor época. Em Daniel 8:5, temos o seguinte "Estando eu observando, eis que um bode vinha do ocidente sobre toda a terra, mas sem tocar no chão; este bode tinha um chifre notável entre os olhos". consulta feita em 22/05/2005 <http://missaomaranata.tripod.com.br/harryperigo.html>;

---

## Referências bibliográficas

ANDRADE, C. D.. *Contos Plausíveis*. in Contos Plausíveis (ilustrações de Irene Peixoto e Márcia Cabral). Rio de Janeiro: J. Olympio/Editora JB, 1981

AURÉLIO. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

ECO, U. *Obra Aberta*. São Paulo: Perspectiva, 2005

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário E perspectivas de uma antropologia literária*. Tradução de Johannes Krestschmer. Rio de Janeiro: ed. UERJ, 1996.

---

JOUVE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: Editora UNESP; 2002.

PEIRCE C. S. *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1972.

.STAIGER E.. *Conceitos fundamentais da poético*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1972.